

RESENHA

ADORNO, Theodor W, (2003). “Educação após Auschwitz”. In: Educação e Emancipação. 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra. Tradução de Wolfgang Leo Maar p. 119-138.

Michele Adriana de Moraes¹

Theodor Adorno nasceu em 11 de Setembro de 1903, em Frankfurt, doutorou-se na Universidade de Frankfurt ao apresentar a tese: *A transcendência da coisa e do nomeático na fenomenologia de Husserl*. Ficou conhecido por sua obra *Dialética do Esclarecimento*, escrita juntamente com Horkheimer na qual cunharam o famoso conceito de *Indústria Cultural*. *Educação após Auschwitz* foi uma palestra transmitida na rádio de Hessen, em 18 de abril de 1965, publicada em *Zum Bildungsbegriff der Gegenwart*, em Frankfurt, no ano de 1967. Filósofo da Escola de Frankfurt, adepto da Teoria Crítica, traz-nos em *Educação após Auschwitz* a questão da barbárie humana. O próprio nome do texto faz referência direta ao principal campo de concentração da Alemanha Nazista, a saber, Auschwitz.

Em *Educação após Auschwitz*, o filósofo nos diz de maneira bastante clara e neste momento faz alusão aos estudos de Freud, que na própria gênese da civilização está contida a barbárie. Durante todo o seu texto, Adorno nos tenta mostrar de que forma esta barbárie humana poderia ser amenizada. O que seria o nazismo se não a expressão mais profunda da barbárie a que nós, seres humanos, podemos chegar? Para o autor, reside aí a importância fundamental da educação: impedir o retorno à barbárie, impedir que Auschwitz se repita.

Durante seu texto, Adorno não nos mostra fórmulas prontas, mas ensaia sobre elas. O autor demonstra entender que só alguém emancipado, esclarecido e fazendo uso racional de suas faculdades, poderá não promover a barbárie.

Para ele o fato das pessoas não saberem lidar com a liberdade, faz com que substituam facilmente seus super egos por autoridades externas, autoridades essas que podem ser de diversas frentes, incluído aqui os nacionalistas extremos. Essas autoridades manipulariam as pessoas a agirem conforme seus ideais, ajudando-os na promoção de atrocidades como o holocausto. Adorno critica de forma veemente as “pessoas que se enquadram cegamente no coletivo” e “fazem de si mesmas meros objetos materiais, anulando-se como sujeitos dotados de motivação própria. {...}” (Adorno, 2003).

Para o autor, algumas formas de violência são exemplos claros de como os homens ainda agem de forma bárbara, ao fazer alusão ao esporte, que dependendo da modalidade e da forma que é aplicado, pode gerar cenas de agressividade e violência explícita, dentro e fora de campos e quadras. Daí, Adorno perceber a importância de determinadas oposições existentes na sociedade, o contraponto entre o *campo* e a *cidade*. O primeiro, o *campo*, tem produzido sujeitos que são facilmente arrebatados para grupos extremistas² e o segundo, a

¹ Bacharel em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto. Graduanda em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos. mialdra@hotmail.com

² Prova disso é que muitos dos soldados nazistas eram filhos de camponeses.

cidade, por produzir agressividade em excesso³. Adorno nos explica que a violência não atinge a toda civilização e relata que os mais fáceis de serem atingidos são as minorias e curiosamente aquelas consideradas, aos olhos alheios, supostamente, *felizes*.

Percebemos claramente que Adorno, em suas reflexões sobre *Educação após Auschwitz*, faz uso constante da psicanálise e um dos aspectos importantes que o autor ressalta, em seu texto, é a questão da consciência coisificada. Para ele, alguns seres humanos chegaram a tal ponto de frieza em todas suas relações, ao preferirem a companhia das máquinas em detrimento dos seres humanos e equipararem os próprios seres humanos a coisas.

Segundo Adorno, a tecnologia tem um papel importante nessa coisificação da consciência, principalmente por ela, a tecnologia, ser considerada um *ente* superior, fazendo os homens se esquecerem que são eles próprios que produzem a tecnologia e não o contrário. O pensador demonstra tal reflexão na passagem em que diz: “*Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço do homem*” (Adorno, 2003).

Adorno nos alerta ainda que determinados ritos de passagem e costumes tradicionais fazem com que grupos de pessoas tenham que passar pela dor física para demonstrar virilidade e serem aceitos em uma determinada coletividade. O autor inclui aqui o que denomina de educação pela dureza, em que as pessoas para terem mérito devem suportar o insuportável. Adorno, por sua vez, compara esses atos ao sadomasoquismo. Tais práticas levam a indiferença à dor, o que nos provocariam a causar dor no outro irrefletidamente.

Para o filósofo, a educação deve ser emancipadora. Adorno, novamente, ao recorrer à psicanálise, demonstra que a personalidade, o caráter se forma já na primeira infância. Daí, o autor demonstra uma grande preocupação no que se refere à educação, a saber: “*Contudo, na medida em que, conforme os ensinamentos da psicologia profunda, todo caráter, inclusive daqueles que mais tarde praticam crimes, forma-se na primeira infância, a educação que tem por objetivo evitar a repetição precisa se concentrar na primeira infância.*” (Adorno, 2003). A educação, então, é posta como preventiva ao retorno à barbárie. Preventiva a todas as formas de coisificação do homem, aos seus fetichismos, uma educação que evite o silêncio frente ao terror, à manipulação das massas por líderes totalitários. Enfim, uma educação contra os nacionalismos exacerbados e, portanto contra Auschwitz só poderia ser, segundo Adorno, uma “Educação pelo e para o Esclarecimento”.

³ Cf. exemplo do esporte.